

HERMES FONTES

JOÃO RIBEIRO

A Epopéia da Vida — Miragem do Deserto

O sr. Hermes Fontes nasceu naquel occulto e desprezado torrão do Norte onde também eu nasci. Respiramos o mesmo ar, entrou-nos na alma a mesma paisagem, convivemos com as mesmas gentes, senão que lhe sinto um parentesco oriundo das iguais saudades e da mesma lágrima das coisas.

Entretanto, a sua estética, e a sua poesia são diferentes da que mais amo e mais me entenece; ele a estravagar, eu a enimesmar-me.

A sua visão, se assim posso dizer, é telescópica, compraz-se em espetáculos astronômicos e monstruosos; o infinito, o abismo insondável dos espaços, o sol e a luz, o ranger dos mundos a trepidar nas suas órbitas, formam a habitual solidão do contemplador do universo.

Quando ele desce, complacente, daqueles intermundos para este mísero planeta, só enxerga, com a miopia de um marciano o mar oceânico, as montanhas e as tempestades. Parece-lhe o nosso mundo um ser mesquinho, rolante, devastado talvez por uma imperceptível doença da pele que é a mesma agitação parasitária da humanidade.

Observando bem, ele descobre à superfície, a Guerra, a Peste e outras monstruosidades relativas. São cócegas, apenas, na sua sensibilidade astral.

Com ser pequenino como o era Quevedo, ele é contudo o poeta das grandes coisas e dos grandes fenômenos.

A sua fase astronômica, a das Apoteoses, foi celebrada e acolhida com estrondosos e merecidos aplausos. A sua fase terrestre, ainda assim de largas dimensões, é agora a da Epopéia da Vida.

Vê-se bem que o poeta se aproxima de nós e está no seu perigêu. E se não houver um encontro fatal e um cataclismo de dias irge terrível, ainda hei de ouvir o poeta das

mesma agitação parasitária
humanidade.

Observando bem, ele desco-
bre à superfície, a **Guerra**, a
Feste e outras monstruosida-
des relativas. São cócegas, ape-
nas, na sua sensibilidade astral.

Com ser pequenino como o
era Quevedo, ele é contudo o
poeta das grandes coisas e dos
grandes fenômenos.

A sua fase astronômica, a das
Apoteoses, foi celebrada e aco-
lhida com estrondosos e mere-
cidos aplausos. A sua fase ter-
restre, ainda assim de largas
dimensões, é agora a da **Epo-
péia da Vida**.

Vê-se bem que o poeta se
aproxima de nós e está no seu
perigêu. E se não houver um
encontro fatal e um cataclismo
de **dies irge** terrível, ainda hei
de ouvir o poeta das esferas a
psalmodiar, como David, as
fraquezas do coração, a ouvir a
canção dos ninhos e as peque-
ninas paixões da vida cotidia-
na.

Não é que ele não cante o
amor e os pequeninos-nadas, o
marulho das águas e das fontes
como o fez no volume das **Mi-
ragens**. Mas essas coisitas ain-
da aí necessitam um quadro
enorme — o **Deserto** — desmar-
cados suplementos, o **Oasis**, o
Crepúsculo, o **Silêncio**, as **Filo-
sofias**, as **Nuvens**, a **Névoa**.

Apesar dessas tendências pa-
ra o estilo giganteu, há na **Mi-
ragem do Deserto** lindas pági-
nas de inspiração e de arte co-
mo o **Velho Romance** e a **Bue-
na Dicha**. Encelado diverte-se.

A **Buena Dicha** é um soneto,
espécie já estanque e que está
ficando como os ovos estralados
dos hotéis da roça. Si parva li-
cel...

E', bela e será sempre bela.
Buena Dicha:

Olhou-me a pitoniza, olhou-me e

[disse:
— "Brilharás. Amarás. E sofrerás".
Eu ia, então, na minha meninice,
inquieta, há cerca de vintênio atrás.

E tal se por sabê-lo eu antivesse

o predestino esplêndido e mendaz,
quis brilhar, quis amar... quis que a
[Velhice
não me recriminasse de ações más.

Para brilhar — busquei a glória, na
[arte.

Para amar — procurei o bem, no
[afeto,

Para sofrer — levei a Cruz e o Andor;
[Andor]

Mas a glória, falhou. Por sua parte,
mentiu-me o Amor. Tudo mentiu...
[exceto
a doce mãe dos Imortais, a Dor!]

E' um dos melhores trechos
da poesia contemporânea e, jus-
tamente, um dos menos carac-
terísticos da estética hugonia-
na do nosso poeta.

Hermes Fontes é um talento
de recursos cerebrais e que in-
telectualiza todas as emoções.
Falta-lhe o coração, pelo menos
quando escreve; ou ele o escon-
de. Tem, talvez, o pudor das
suas máguas.

Prefere arquitetar mental-
mente as suas visões. Não quer
ver senão pela inteligência:

Fechei os olhos e fugi da Vida.

assim o diz na Miragem. E tam-
bem o diz e repete na Epopéia,
a respeito do homem:

Fechou os olhos para o indefinível.

E assim em vários lugares dos
seus versos.

Toda essa ogeriza que é a con-
tração própria dos tristes, no-la
transmite o poeta em versos be-
líssimos e memoráveis:

Crepuscula em meu mundo-interior
[Anoitece.

A linha do horizonte se constringe...
Vai fazer frio... vai reinar a Escuri-
[Idão.

— Para erguer ao Silêncio a minha
[prece

e interrogar a esfinge
do meu destino de ânsia e de medi-
[tação,

e abrigar-me, também, da Noite, que
[entristece

minha mortalha de perpétuo dó
e que, entretanto, me aconselha e
[assiste.

o coração ingênuo e visionário, --
erigi em Santuário
este Oasis de um Triste.

este Asilo de um Justo, este Mundo
[de um Só...

Em todo o caso é antes um fi-
lósofo cristão ou estóico que su-
perhumaniza as suas tristezas.

Mas esta face é excepcional e
efêmera graças a sua fasmosa
volubilidade.

Desconfio, pois, se bem inter-
preto o seu temperamento que
ele é todo intelectual por um
certo pudor de sensibilidade.

Com isso perde o lirismo o
que acresce ao estro épico.

Na Epopéia da Vida ele canta
as amargas vitórias do Homem;
a conquista do Mar que ele
abençoa sem a dor...

E assim em vários lugares dos seus versos.

Toda essa ogeriza que é a contração própria dos tristes, no-la transmite o poeta em versos belíssimos e memoráveis:

Crepuscula em meu mundo-interior
[Anoitece.
A linha do horizonte se constringe...
Vai fazer frio... vai reinar a Escuri-
[dão.
— Para erguer ao Silêncio a minha
[prece
e interrogar a esfinge
do meu destino de ansia e de medi-
[tação.
e abrigar-me, também, da Noite, que
[entristece
minha mortalha de perpétuo dó
e que, entretanto, me aconselha e
[assiste:
o coração ingênuo e visionário, —
erigi em Santuário
este Oasis de um Triste.
este Asilo de um Justo, este Mundo
[de um Só...

Em todo o caso é antes um filósofo cristão ou estóico que superhumaniza as suas tristezas.

Mas esta face é excepcional e efêmera graças a sua pasmosa volubilidade.

Desconfio, pois, se bem interpreto o seu temperamento que ele é todo intelectual por um certo pudor de sensibilidade.

Com isso perde o lirismo o que acresce ao estro épico.

Na *Epopéia da Vida* ele canta as amargas vitórias do Homem; a conquista do Mar que ele abençoa sem a desenganada melancolia do velho do Restello dos *Lusiadas*:

O' maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!

Ao contrário, Hermes Fontes aplaude a *van cubica* dos descobridores em versos de grande vigor:

Glória à mão que soltou ao léu dos
[mares
os primeiros batéis rudimentares!
Glória eterna a essa mão
que nindo os continentes pelo mares
fez o milagre da Revelação.

Depois da conquista do oceano, a conquista do ar. E o novo Icaro, ainda aqui repete o leit-motivo do poeta:

Olhando o vôo às aves e aos insetos
fechou os olhos par o seu destino.

Em tanta poesia a mancheia esparsa nos seus livros. Hermes Fontes, comete versos prosaicos, duros, sem número, apesar do ritmo aparente.

As suas preocupações verbais

150
são profusas; é um desageitado,
inhábil, para delicadezas de
expressão. Parece que suas alu-
cinações telescópicas e desme-
suradas, tornaram rombo e
grosseiro o tato indispensável a
tudo que é mimoso e sutil.

Timbra em ser grande.

Há uma incoerência entre a
sua minúscula estatura e a pro-
jeção enorme de sua alma, don-
de essa incapacidade evidente
de sentir a microfonia (se po-
demos dizer) das coisas próxi-
mas e pequenas.

Não se compreende também
que um poeta magnífico como
ele é, alinhe versos deste pro-
saísmo:

Sois primeiros heróis do Carater
[humano]
vencidos-imortais. Vossa quáda fatal
deixou irrevalod o secular Arcano
mas deu o exemplo de honra e afir-
[mou um ideal]

Parecem frases de frei Ma-
noel da Esperança se se lem-
brára o frade de traçar a **Qué-
da dos Titans.**

O meu confrade dr. Soildônio
Leite poderia meter est'outros
na **Seleta dos Esquecidos:**

A verdadeira Torre de Babel
Tem a Terra por base:
O céu em derredor arma-se em pa-
[redão...]

ou ainda esta máxima do mar-
quês de Maricá:

Só se pode perdoar o Remediável.
Não há remédio para a morte.

Um poeta da força, vigor e
éstro como o é Hermes Fontes,
não deve descair em pequices
berbais desta ordem:

Nós — coitados de nós...
~~N~~amos para o Amor — números
[primos.

Tudo isto revela um mau ges-
to e uma afetação gongórica fó-
ra de termos, e ainda tudo
agravado por louvores e gabos
de alguns basbaques cabalistas
que fazem timbre de desentra-
nhar das palavras algum sen-
tido recôndito.

Isso não é poesia e pior injus-
tiça seria dizer que é prosa.

E' coisa nenhuma.

Hermes Fontes é, apesar dis-
so, um grande poeta, original e
forte. Quando, apareceu floria
ainda entre nós o cansa-

Só se pode perdoar o homem.
Não há remédio para a morte.

Um poeta da força, vigor e
éstro como o é Hermes Fontes,
não deve descair em pequices
berbais desta ordem:

Nós — coitados de nós...
Nãamos para o Amor — números
[primos.

Tudo isto revela um mau ges-
to e uma afetação gongórica fô-
ra de termos, e ainda tudo
agravado por louvores e gabos
de alguns basbaques cabalistas
que fazem timbre de desentra-
nhar das palavras algum sen-
tido recôndito.

Isso não é poesia e pior injus-
tiça seria dizer que é prosa.

E' coisa nenhuma.

Hermes Fontes é, apesar dis-
so, um grande poeta, original e
forte. Quando, apareceu floria
ainda entre nós o cansado par-
nasianismo. E o poeta seguiu as
suas tendência hugonianas, de
inspiração própria; e conse-
guiu fundar um nome hoje po-
pular em todo o país.

A crítica nada ele deve e nem
deverá: tanto melhor para que,
sem sermos molestos, falemos
com inteira sinceridade de sua
poesia. Ela é grandilóqua mas
excessivamente verbal e às ve-
zes pedantesca. Faltam-lhe a
simplicidade e o sentimento:
todos os tons amenos, e assim
matizes e degradações de tintas
lhe são desconhecidos.

Mas, apesar de tudo, é um dos
grandes poetas da sua geração e
mesmo único segundo a sua es-
tética.

A Lampda Velada

Grande contentamento foi
para meu espírito e meu cora-
ção, verificar que na desampa-
rada e pequenina terra em que
nasci, também veio à luz do dia
esse grande poeta que é Hermes
Fontes.

Ele não só é grande para a
sua pequenina terra. E' grande
para todo o imenso Brasil e ain-
da mais, é e será grande em
qualquer época da nossa histó-
ria literária.

Não é um vaticínio, é a reali-

dade mesma.

Desde que apareceu, há uns quinze anos mais ou menos, revelou a enorme opulência, a estranha força e vogar de imaginação, todas as qualidades, enfim, que o tornam um dos mais felizes intérpretes da sua raça e do seu povo.

Muito mais perfeito que Castro Alves, de imaginação verbal mais poderosa que a de todos os parnasianos que acabavam de poir o verso e remediar as negligências domânticas, ele representa a primeira personalidade nova da renascença da nova poesia.

Não é, todavia, um chefe de escola. Sua personalidade teve pequena difusão por ser única e difícil de derramar-se entre imitadores sempre superficiais e incapazes.

Para seguí-lo de perto fora mister possuir algumas das qualidades essenciais da sua inspiração e isso era exatamente o que faltava entre os seus admiradores, mais admirados que discípulos.

O que entre esses havia, e ainda há, antes de tudo era o culto flebil da moda, de qualquer moda fácil ou, a qualquer preço, parisiense.

Poucos são os que se elevam acima desse nível de tradução e traições que simulam um falso progresso.

Entretanto, Hermes Fontes é um poeta novo, rico de inspirações inéditas e insólitas.

Todos os seus livros, até hoje, demonstram na unidade de seu espírito, a profusa variedade de tons e de luzes, de idéias e de sentimentos.

E' talvez por isso único, pela exuberância e latitude ampla de irradiação. Por ser grande é exagerado, por ser completo é ou parece intemperante.

Desde as "Apoteoses" — recebidas com imediata consagração, perfaz o poeta o seu ciclo, ainda não acabado.

E quantas obras admiráveis tem já escrito! — "Genese" — "Epopéia da Vida" — "Microcosmo" — "Miragem do deserto" e outras, e agora a — "Lâmpada Velada" — forma o esplendido e soberbo conjunto.

Os seus detratores, sinal da sua grandeza, colhem com algum êxito as demasias verbais por vezes supérfluas da sua arte.

E' a critica facil para um autor que lie parece difficil: a preocupação

1953

ções inéditas e insólitas.

Todos os seus livros, até hoje, demonstram na unidade de seu espirito, a profusa variedade de tons e de luzes, de idéias e de sentimentos.

E' talvez por isso único, pela exuberância e latitude ampla de irradição. Por ser grande é exagerado, por ser completo é ou parece intemperante.

Desde as "Apoteoses" — recebidas com immediata consagração, perfaz o poeta o seu ciclo, ainda não acabado.

E quantas obras admiráveis tem já escrito! — "Genese" — "Epopéia da Vida" — "Microcosmo" — "Miragem do deserto" e outras, e agora a — "Lâmpada Velada" — forma o esplendido e soberbo conjunto.

Os seus detractores, sinal da sua grandeza, colhem com algum êxito as demasias verbais por vezes supérfluas da sua arte.

E' a critica facil para um autor que lhe parece difficil; é a preocupação tãtil dos que não possuem a visão proporcionada à perspectiva da figura. Arranham-no.

Esses "frondeurs", porem, são indispensaveis e generosos; passado o primeiro momento, integram-se na simpatia geral.

— "A Lâmpada velada" — é o último livro de H. Fontes. Tem a mesma aveludada maciez e o frescor das primeiras rosas que ele tanto relembra na saudade dos seus versos; tem a mesma "bravura", a arte inimitavel que lhe é própria de fazer o verso, dominar e governar as palavras, com a feliz facilidade com que o fazia Victor Hugo; e muito mais que nos primeiros livros ostenta a filosofia dos seus próprios sentimentos.

Não queremos transformar essa despretenciosa rônica num florilégio, que seria aliás o seu melhor mérito, colhido no jardim do poeta. Queremos apenas volver para os leitores as faces mais expressivas do gênio do artista, do poeta e do fl

254
lôsofo.

A primeira delas, que ressalta com grande relevo, é a da "bravura", como dissemos acima, isto é, da virtuosidade com que o poeta governa o verso. Damos, para exemplo, a — "Canção boêmia" — escolhida entre outras que poderiam excelentemente representar a habilidade e perfeição técnica do poeta.

Dessa filigranas métricas em que foram mestres Gauthier, Banyville e até certo ponto Verlaine, o último grande poeta francês, só em nossa língua há exclusivamente alguns exemplos da poesia brasileira.

CANÇÃO BOÊMIA

Depois que perdi a tua
companhia,
fui aos amigos: a rua
me sorria.

E entrei a viver na rua,
ou, por outra, não vivia,
pois vivia sem a tua
companhia!

Cançou-me o brilho da rua
e o afago da hipocrisia.
Só não me cansara a tua
companhia.

Minha vida tumultua
às cégas, durante o dia.
E, de noite... evoco a tua
companhia.

E esta vida é bem a Rua
da Amargura e da Agonia...
Pobre vida, sem a tua
companhia!

Por vezes como é frequente em Hermes Fontes, essa virtuosidade vocabular se compõe com uma intenção mais definida, e, neste caso se reparte igualmente o conteúdo e a forma, sem que a emoção substancial de um prejudique a leveza gracil da outra.

Essa formosa e suavíssima combinação é também um dos aspectos, um dos harmoniosos efeitos da luz da — "Lâmpada Velada". Ainda aí a perfeição técnica domina o fi sutil das idéias, através de imagens que se imprecisas e vacilantes.

Daremos, para exemplo, em casos semelhantes, o — "Último idílio" — que é uma das melhores poesias da coleção.

ÚLTIMO IDÍLIO

Uma...

em Hermes Fontes, essa virtude vocabular se compõe com uma intenção mais definida, e, neste caso se reparte igualmente o conteúdo e a forma, sem que a emoção substancial de um prejudique a leveza gracil da outra.

Essa formosa e suavíssima combinação é também um dos aspectos, um dos harmoniosos efeitos da luz da — "Lâmpada Velada". Ainda aí a perfeição técnica domina o fi sutil das idéias, através de imagens quase imprecisas e vacilantes.

Daremos, para exemplo, em casos semelhantes, o — "Último Idílio" — que é uma das melhores poesias da coleção.

ÚLTIMO IDÍLIO

Uma Lua religiosa,
uma Lua romanesca,
aponta como uma rosa
muito branca, muito fresca,
no ar sem fim.

Ah! quem me dera essa rosa
e plantá-la em teu Jardim!

Um luar sereno e belo.
Fluido mármore da altura
parece esculpir um stelo
para a minha sepultura
consagrar:

Ah! quem me dera esse stello
para ornamento de altar!?

Do alto, a Lua paraninfa
Terra e Céu noivando... e verte
pranto argênteo, clara linfa
sobre a Natureza, inerte,
sem vigor:

Ah! quem me dera essa linfa
para o teu banho de flor!?

Dolorosa, fria Lua,
Pia água, na alta Ermida!
Fonte grega: Estátua nua!
Rosa branca, refletida
nas marés!

Quem me dera ser a Lua
para esfolhar-me aos teus pés!...

Até aqui o poeta revela a perfeição da sua arte. Mas, o principal na — "Lâmpada Velada" — é a sua filosofia, de tristeza e desengano da vida, a de dolorosa experiência das coisas que tantas decepções nos deparam no curso da existência.

Não é preciso envelhecer para

ra sentir essa melancolia que não exclue a resignação e que nos dá a própria ciência da vida.

Todo livro respira a expressão que, não diremos pessimista, mas real e verdadeira, que não pode deixar de o ser, para as almas delicadas a quem repugnam os espetáculos cotidianos da vulgaridade.

Para exemplificá-lo seria preciso aqui transcrever quase todo o livro, pois que em todas as suas páginas, e de modo crescente ao volver das folhas, ("acquirit vires eundo") ganha relevo e expressão o sentimento da melancolia.

O desengano e a mentira que pedem a felicidade da ilusão até o último momento, retratam o poeta no trecho final das — "Cartas" — nesses versos admiráveis:

Acreditar em mulheres,
não acreditei eu só.
Daí, tantos misereres
e tantos livros de Job...

Daí, essa via-sacra
de contínuas turbações,
que abre em sorrisos, e lacra
em chagas — os corações...

Daí os velhos enganos
que a gente sofre, e bendiz,
porque há ventura, nos danos,
da ilusão de ser feliz.

Toda mentira começa
no mesmo princípio vão.
no meio, há sempre a promessa
no fim, sempre a decepção.

Mas a mentira que nasce
dos lábios de uma mulher
— mentira de dupla face —
pode enganar a qualquer...

E, inda depois que a mentira
semeia a eterna viuvez,
inda o coração pedira:
— Mentira, mente, outra vez!...

O comentário e a glosa imprudentes destruiriam a meia-luz desse enigma psicológico que vive em todo coração humano. Nenhum de nós sabe por em equação o problema que é mister resolver.

E' que os dados essenciais sempre nos faltam e não sabemos buscá-los.

E para quê?

A ilusão da alma...

dos lábios de uma mulher
— mentira de dupla face —
pode enganar a qualquer...

E, inda depois que a mentira
semeia a eterna viuvez,
inda o coração pedira:
— Mentira, mente, outra vez!...

O comentário e a glosa imprudentes destruiriam a meia-luz desse enigma psicológico que vive em todo coração humano. Nenhum de nós sabe por em equação o problema que é mister resolver.

E' que os dados essenciais sempre nos faltam e não sabemos buscá-los.

E para quê?

A ilusão da alma enche todo o limite do espírito, como a aparência e os fenômenos bastam para a inteligência do universo. Quanto ao mais, "ignotum binus".

A poesia que é uma espécie de metafísica, abre esse refúgio infinito das coisas ignoradas.

Para fechar com chave de ouro dessa filosofia triste, não havia melhor que a pequenina joia de finíssima claridade, de profunda emoção que irradiam as — "Filosofias" — do poeta.

Fala do "interesse" como a alma do universo; fala sem egoísmo, sem pensar em si próprio, ou só o pensando para se incluir na lei geral dos seres.

Há um interesse em tudo, na causa e na finalidade do mundo.

Não é, porem, a filosofia grosseira dos antigos fisiocratas.

FILOSOFIAS

Desinteresse... esse nome,
melhor fora o não haver.
Vês a terra que nos come?
— Primeiro nos mata a fome,
para depois nos comer...

Vês o mar? Não há tão frios
corações como o do mar.
Forma os rios, enche os rios...
— Mas para que form os rios!
Para depois os tragar...

Vês o homem que te festeja?
louva-te a glória e o porvir,
louva-te a ação benfazeja...
— Mas para que te festeja?
Para depois de trair...

Desinteresse! Não creias...
seja de quem e a quem for,

O sangue que tens nas veias,
velu, de fontes alheias
por um interesse — o amor.

Na obra desse grande poeta fazemos algumas restrições, talvez mesquinhas. Notamos que a sua arte de utilizações vocabulares é por vezes excessiva e pode degenerar em mau gosto. Se numa imagem fala do círculo, nada há que opôs: mas a "secante" e o "diâmetro" não cabem e já excedem a imagem poetica. São coisas técnicas que só se podiam tolerar na intolérable poesia científica.

A outra única restrição que fazemos, antes e melhor interpretada, é um desejo. A capacidade de Hermes Fontes, o seu folego épico e ao mesmo tempo lírico, podiam já, depois de tantas obras magistrais incomparáveis, inspirar-se num poema nacional como a — "Evangeli-na" — de Longfellow.

Antes de ser descoberta, que não o foi ainda, a literatura brasileira necessita de apresentar traços diferenciais que lhe sejam próprios.

Apráz-nos pensar que os nossos descobridores futuros não terão a pequenina contrariedade de vir descobrir repercussões de Hugo ou Baudelaire nessas plagas tão dignas de inspirar os maiores gênios da poesia.

E' esse traço diferencial, que em nossas moftinas criticas reclamamos e temos, já, aqui e ali verificado, embora sem a satisfação que nos dariam obras mais frequentes e significativas.

E' escusado dizer que não nos referimos ao enjoativo gênero patriótico.

A fonte da mata

Neste ivro não há o nome do autor no frontespício, a não ser o H, dissimulado numa vinheta e a declaração no canto da última página, com ao pé das gravuras: *Hermes scripsit, Renatus delineavit* e sem o excuselar do impressor que irá desesperar os bibliomanos do futuro.

Do futuro? sim. de t.

de Hugo ou Baudelaire nessas plagas tão dignas de inspirar os maiores gênios da poesia.

E' esse traço diferencial, que em nossas mofinas críticas reclamamos e temos, já, aqui e ali verificado, embora sem a satisfação que nos dariam obras mais frequentes e significativas.

E' escusado dizer que não nos referimos ao enjoativo gênero patriótico.

A fonte da mata

Neste ivro não há o nome do autor no frontespício, a não ser o H, dissimulado numa vinheta e a declaração no canto da última página, com ao pé das gravuras: **Hermes scripsit, Renatus delineavit** e sem o **excudelar** do impressor que irá desesperar os bibliomanos do futuro.

Do futuro? sim, de todo e qualquer futuro por mais remoto que seja porque a glória de Hermes Fontes abraçará muitos séculos.

Ele é realmente um poeta extraordinário, como já parecia ser desde as **Apoteoses** que marcam a transição do parnasianismo para a poesia moderna.

Assim escrevi há quase dez anos: "Muito mais perfeito que Castro Alves, de imaginação verbal mais poderosa que a de todos os parnasianos que acabavam de polir o verso e remediar as negligências românticas, representa ele a primeira modalidade nova na renascença da nova poesia.

E ainda hoje é o mesmo: forte, admirável e maravilhoso.

A — **Fonte da mata** — diz-nos em interessante anotação que foi evocada por uma suave recordação da infância:

"A "fonte da mata" não é criação de poeta. Existe. Dela flue o manancial que abastece a vila, hoje cidade do Boquim, na "desamparada e pequenina terra" de Sergipe.

Como água da "fonte da mata" foi batizado o autor do volume, que havia pensado em dois ou três outros títulos para este conjunto de poemas.

Revendo a cidadezinha natal, cuja paisagem encontrou pobre e modesta, surpreendeu-se, en-

5-11-5-17
tretanto, do belo recanto de floresta, de onde o manancial deriva.

E ouviu dos seus maiores a história da fonte e a unção religiosa com que a frequentavam seus pais. Desde então ficou batizada a nova coletânea — não já com água da fonte, mas com as lágrimas de saudade e enternecimento, tão puramente motivados”.

Esse tributo à terra natal é uma prova da imensa generosidade do seu coração. A terra foi-lhe sempre ingrata ou pelo menos incapaz de resistir ao atropelo de seus filhos mais espartos, sufocada sempre pelo tzarismo das vulgaridades.

Fez bem em celebrar essa fonte que será como a de Vauluse, a Valchiusa na lira de Petrarca, e, desde já, merece os formosíssimos versos de Marla Eugénia Celso:

Fante da mata,
Claro arroio escondido,
Água que sonha,
Veio de prata
Assim perdido
Entre o bronze dos troncos senho-
[riais:
Canção que não se sabe se é risonha
Ou se resume.
Na timidez do seu queixume,
O pranto dos bravios matagais,
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Rica de cristalina inspiração,
Oh! fonte inquieta,
Que em imagens de límpida beleza,
Refletes, palma a palma,
a floresta surpresa
No segredo de sua profundidade
E no orgulho de sua solidão.
Fonte da mata, — voz de um raro
[poeta, —
Que da tua sonora correnteza
Fez o eco sonhador do coração:...

Cedendo às suas precauções de verbalismo, o poeta quis imaginar uma herma nessa fonte para confundir-se com aquela terra e água que ele acaba de glorificar.

Neste novo livro sem perder as qualidades e dotes antigos a Musa do poeta revela-nos uma feição nova: a da filosofia suave de todas as consolações e de toda conformidade com o mundo.

Ele sabe que Glória é

Mentira,
Só mentira,

E tambe...

O pranto dos bravos matagais.
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Rica de cristalina inspiração.
Oh! fonte inquieta,
Que em imagens de límpida beleza,
Refletes, palma a palma,
a floresta surpresa
No segredo de sua profundidade
E no orgulho de sua solidão.
Fonte da mata, — voz de um raro
[poeta, —
Que da tua sonora correnteza
Fez o éco sonhador do coração...

Cedendo às suas precauções
de verbalismo, o poeta quis ima-
ginar uma **hermia** nessa fonte
para confundir-se com aquela
terra e água que ele acaba de
glorificar.

Neste novo livro sem perder
as qualidades e dotes antigos a
Musa do poeta revela-nos uma
feição nova: a da filosofia sua-
ve de todas as consolações e de
toda conformidade com o mun-
do.

Ele sabe que Glória é

Mentira,
Só mentira.

E também o é a Justiça em-
buste generoso. O Amor, a Es-
perança.

O' piedosa mentira da Esperança
O' piedosa mentira
dos que não tem mais nada que
[esperar!

E' uma filosofia amarga mas
não de todo desesperada por-
que ainda há compensações no
torvelinho revolto das paixões
humanas, e porque o poeta sa-
be que

Toda glória do céu, toda angústia do
[mundo
Pode caber num favo ou numa
[gota...

E sabe igualmente naquela
doce Paisagem sempre nova
que há segredos de ternura e
de alegria

... da alegria.

De saber que a ventura nunca vem
Da ambição de ter muito, e, todavia,
pode vir da constância e da har-
[monia
em conservar o pouco que se tem.

A Fonte da mata é um ma-
nancial de poesias surpreen-
dentes de infinitas docuras. Não
é possível escolher a página me-
lhor porque todas são ótimas e
inexcedíveis em qualquer gê-
nero: a Messiancida que é um
epigrama, o Terra a terra, o
Canário e a Andorinha e não é
razoável fazer o índice do livro.
Os tons principais dessa larga,

8
15
8

sinfonia é a recordação, o re-
médio de esquecer, a felicidade,
o amor, a melancolia e o desen-
gano. Não queremos todavia
poupar ao leitor que ainda não
possue o livro, o fulgor de duas
poesias:

JOGOS DE SOMBRAS

Sempre que me procuro e não me
[encontro em mim,
pois há pedaços do meu ser que an-
[dam dispersos
nas sombras do jardim,
nos silêncios da noite,
nas músicas do mar,
e sinto os olhos, sob as pálpebras,
[imersos
nesta serena unção crepuscular,
que lhes prolonga o trágico tresnoite
da vigília sem fim,
abro o meu coração, com um jardim,
e desfolho a corola dos meus versos..
E a alma que está nos versos,
faz-me lembrar a alma que esteve
[em mim,
e que, um dia, perdi e vivo a pro-
[curar
nos silêncios da noite,
nas sombras do jardim,
na música do mar...

ESPERANÇA

Esperar? A adorável penitência...

A Esperança é a mentira
mais inocente e mais perturbadora
desta e da outra Existência!

Deliciosa mentira!
Esperança — ventoinha, poisamoura,
vôa, gira,
gira, vôa,
passará, voltará...
E todos dizem que a Esperança é
[boa...
Como a Esperança é má!

Esperar, mas, por quem? pela fel-
[cidade?
Já passamos por ela
e é impossível tornar agora atrás.

Nossa felicidade era tão bela!
Nós despedimos a felicidade...
Tudo se foi com ela...
Impaciências febris da Mocidade!
Jogaste o coração pela janela,
meu velho! e eras aquele estouvado
[rapazi!...

Esperar?! esperar a alegria, a fortuna,
o esplendor, o poder?
— Vela da aspiração, já não se en-
[funa
Já não se atira ao mar para vencer.

Prefere, à orla da praia merencôrea,
a sós com o Mar,
pensar que, um dia, acreditou na
[glória,
acreditou na vida e se pôs a es-
[perar...

Esperar, mas, por quem? pela fel-
[cidade?
Já passamos por ela
e é impossível tornar agora atrás.

Nossa felicidade era tão bela!
Nós despedimos a felicidade...
Tudo se foi com ela...
Impaciências febris da Mocidade!
Jogaste o coração pela janela,
meu velho! e eras aquele estouvado
[rapaz!...

Esperar?! esperar a alegria, a fortuna,
o esplendor, o poder?
— Vela da aspiração, já não se en-
[funa
Já não se atira ao mar para vencer.

Prefere, à orla da praia merencórea,
a sós com o Mar,
pensar que, um dia, acreditou na
[glória,
acreditou na vida e se pôs a es-
[perar...

Velho barqueiro?
cruzou todo esse mar, cruzou tantos
[destinos
Que há de ainda esperar e aven-
[tureiro

Mal fixa o olhar nos longos ves-
[pertinos,
sentindo nesse ocaso que o abençoá
o último ocaso que o abençoará...

E todos dizem que a Esperança é
[boa...
Como a Esperança é má!

Os dois poemas não represen-
tam qualquer seleção, por isso
que a escolha seria demasiado
injusta e difícil.

A — Fonte da mata — flue
sempre com a mesma água pu-
ra e cristalina.

O poeta suicida

Não sei como escrever esta
página de saudade!

Abro os jornais e leio o la-
mentoso desfecho da triste vi-
da de Hermes Fontes.

Sim! era triste a sua vida e
através do seu riso e da sua
alegria eu lobrigava toda a ex-
tensão daquela amargura de
fendido, e abandonado.

Muitos dos seus amigos lhe
foram fieis, mas não eram bas-
tantes para remediar as
ras do seu coração traspassado
de tantos e tão desencontrados
golpes.

Não há muitos dias encon-
trei-o. Vinha com o filósofo

213-9
X

Veiga Lima e deteve-se um pouco para dizer-me, como era o seu velho costume, as palavras amáveis e generosas que sempre ouvi dos seus lábios.

Mas, tive o pressentimento do absoluto desânimo que o consumia; a ele que precisava de grandes consolações.

A sua vida íntima era um drama angustioso. Desde algum tempo eu sabia da sua infelicidade doméstica em que palrava acima de todas as misérias a grande generosidade de sua alma.

A esposa de quem há meses estava separado assegurava todo o conforto, quanto podia e até mais do que podia.

Por fim, a revolução política o malferiu, a ele que, entretanto, não era um político.

Foi, pois, uma das vítimas imbeles da revolução, sentindo-se humilhado e despojado de elementos materiais que por um pouco o faziam esquecer a tormenta que o assaltara.

A sua tristeza não conseguiu dobrá-lo aos golpes terríveis do destino. Desatinou e desesperou. Ninguém contudo sabe da última gota do calix que consumou a grande e incomparável desdita.

Certamente, morreu de amor, tamanho era o tesouro da sua ternura.

Se os embates da sorte, da fúria estuante lá fóra, ele pudesse opor a doçura do lar e o refrigério da fonte como ele a cantara nos seus últimos versos, é de crer que sobrevivesse à subversão de todas as suas ambições exteriores e supérfluas.

Faltou-lhe esse recurso que já lhe faltava no momento decisivo que o redimiria da morte.

Achou que, comprimido entre duas desgraças, não valia a pena viver, nem prolongar a condenação inexplicável.

Para que a vida? Os vencidos não tem direito à reclamação.

E ele era um vencido. Não eram de certo as posições perdidas nem a pobreza que o intimidavam.

...mentos materiais que por um
pouco o faziam esquecer a tor-
menta que o assaltara.

A sua tristeza não conseguiu
dobrá-lo aos golpes terríveis do
destino. Desatinou e desesperou.
Ninguém contudo sabe da últi-
ma gota do calix que consumou
a grande e incomparável des-
dita.

Certamente, morreu de amor,
tamanho era o tesouro da sua
ternura.

Se os embates da sorte, da
fúria estuante lá fóra, ele pu-
desse opor a doçura do lar e o
refrigério da fonte como ele a
cantara nos seus últimos ver-
sos, é de crer que sobrevivesse à
subversão de todas as suas am-
bições exteriores e supérfluas.

Faltou-lhe esse recurso que
já lhe faltava no momento de-
cisivo que o redimiria da morte.

Achou que, comprimido entre
duas desgraças, não valia a pe-
na viver, nem prolongar a con-
denação inexpiável.

— Para que a vida? Os ven-
cidos não tem direito à recla-
mação.

E ele era um vencido. Não
eram de certo as posições per-
didas nem a pobreza que o inti-
midavam.

Nasceu pobre e sempre o foi.
Começou humilde e nunca se
tornou orgulhoso e fátuo. Pros-
perou pela suavidade de uma
ascensão gloriosa.

Como todos, passou por de-
cepções que acirram a coragem
mais do que a enfraquecem.

Num dos últimos pleitos aca-
dêmicos, disse-me:

— Quero o voto do patricio e
não do escritor.

Ele era da pequenina terra de
Sergipe onde também nasci. Es-
sa conterraneidade em coisa al-
guma influiu na admiração que
lhe eu tinha.

Admirava os seus versos e a
sua maravilhosa arte de com-
pôr com inteira homogeneidade
o talento verbal e a sensibilidade
(como fazia Hugo) ele e Cas-
tro Alves, discípulos nossos do
grande mestre francês.

Uma coisa influiu imerecida-
mente no juízo superficial dos
nossos contemporâneos: era pe-
quenino de estatura. Parecia
anão esse gigante.

Foi o seu único defeito.